

A ERUDIÇÃO NA FORMAÇÃO BIBLIOTECONÔMICA: OLHARES CONTEMPORÂNEOS DE BIBLIOTECÁRIOS ATUANTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Max Evangelista da Silva

Bacharel em Biblioteconomia pela
Escola de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro.
E-mail: max.ev.silva@gmail.com

Gustavo Silva Saldanha

Doutor em Ciência da Informação
pelo Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia.
E-mail: saldanhaquim@gmail.com

RESUMO

A questão da erudição é um dos elementos conceituais mais recorrentes na construção do discurso histórico da Biblioteconomia, conformando o imaginário dos intersujeitos que representam o conjunto de atores sociais que vivenciam o campo, como profissionais, docentes e pesquisadores do campo biblioteconômico-informacional. Das formações ditas humanistas à discussão sobre a relação entre cultura e técnica informacionais na contemporaneidade, o sujeito compreendido como erudito integra de mitos de determinação da consciência primária a discussões sobre a formação acadêmica do bibliotecário. O presente trabalho tem como objeto de estudo a relação entre erudição e Biblioteconomia no escopo da formação do bibliotecário na Cidade do Rio de Janeiro, analisando-a através de um estudo sobre o olhar de profissionais contemporâneos atuantes no município. O estudo investigou a posição de tais intersujeitos na atualidade sobre o desenvolvimento cotidiano da noção, a partir do “espelho” do discurso histórico. O processo de pesquisa estabeleceu uma discussão entre o conceito clássico de erudição e a Biblioteconomia na sociedade contemporânea, operacionalizando as noções que compõem o conceito de erudição para as etapas de construção do instrumento de coleta de dados, apresentação do corpus, análise e apreciação. Os resultados permitiram a problematização do conceito no quadro epistemológico-histórico que recontextualiza passado e presente segundo o olhar de bibliotecários atuantes na Cidade do Rio de Janeiro, identificando a repercussão da ideia de erudição ainda vinculada aos domínios semânticos de disciplinas relativas às Humanidades, bem como à formação plural e continuada, em diferentes áreas do conhecimento, por parte do bibliotecário, reunindo ainda a “atualização” de um debate social sob a noção clássica de erudição.

Palavras-chave: Biblioteconomia – Rio de Janeiro. Erudição. Bibliotecário. Educação em Biblioteconomia.

ERUDITION IN THE LIBRARY AND INFORMATION
SCIENCE EDUCATION: CURRENT PERSPECTIVES
FROM LIBRARIANS OF THE RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

Erudition is one of the most recurrent conceptual elements in the construction of the historical discourse in Library and Information Science. From the so-called humanist formations to the discussion of the relationship between information culture and technique in contemporary times, the subject understood as a scholar integrates from myths to discussions about of the librarian education. The present work has as object of study the relation between erudition and Librarianship in the Rio de Janeiro city, analyzing it through a study on contemporary librarians that present characteristics existing in the classic notion of erudition. The study investigated the current professional position in Rio de Janeiro on the daily development of the notion. As a result, the relationship was established between the classical concept of scholarship and Librarianship in contemporary society, and also identified aspects that indicate the presence of scholarship in contemporary librarians, such as the field of subjects related to the Humanities, the interest for more on field of knowledge and, finally, an update of the concept related to social questions.

Keywords: Library and Information Science – Rio de Janeiro. Erudition. Library and Information Science Education.

1 INTRODUÇÃO

“L’érudition. – a) Avoir de la littérature se dit de celui qui a lu beaucoup de livre, les meilleurs surtout, et a conservédans as mémoire, les impressions que cette lecture a produites sur l’esprit.” (OTLET, 1934, p. 107)

A erudição sempre esteve presente nos mitos de fundação do pensamento biblioteconômico, bem como no domínio de estudos da história dos livros e das bibliotecas. A noção parte ora do plano semântico da instituição como palco de formação e/ou de atração de personalidades distintas, ora da práxis do trato com os livros formalizada como “erudita” a partir dos próprios bibliotecários.

A noção de erudição aparecerá nas diferentes narrativas sobre a formação de uma dada consciência biblioteconômica no espaço-tempo, um *ethos* que surge, de diferentes

formas, em análises como de Baratin & Jacob (2000), Castro (2000), Ortega y Gasset (2005), bem como nas clássicas obras de Gabriel Peignot (1802) e Paul Otlet (1934). Assim, diz-se que “os primeiros bibliotecários eram homens eruditos, que fundaram bibliotecas – como a famosa biblioteca de Alexandria – na Foz do Rio Nilo, no Egito. Eles se preocupavam em reunir e classificar todo o conhecimento em forma documental” (RUSSO, 2010, p.37). Na Idade Média essa imagem foi perpetuada a partir da visão dos bibliotecários como guardiães do saber registrado.

No entanto, o mito da erudição, esta que, de um modo geral, é caracterizada principalmente pela amplitude e profundidade do acúmulo de saberes, torna-se cada vez mais difícil de ser delineado no decurso do desenvolvimento da Modernidade. Devido à especialização das disciplinas, principalmente no âmbito do século XIX, e à enorme quantidade de livros e de documentos produzidos em cada domínio, superprodução advinda do século XV, após a prensa tipográfica de Gutemberg (BURKE, 2002), a noção de erudição vai dando lugar à aura do especialista, aquele que domina uma dada disciplina, advinda de uma teoria, de um método ou de uma técnica.

O mito e a imagem da erudição como signo de uma definição histórica, no entanto, não desaparece. No âmbito da Biblioteconomia, a imagem do bibliotecário erudito também foi se transformando, junto das mutações curriculares - “este bibliotecário – erudito e bibliófilo – dominou a profissão até o início do século XIX, quando começaram a se desenvolver as tendências democráticas, com a valorização das práticas igualitárias”. (RUSSO, 2010, p. 37). O jogo de repercussões históricas e o trato permanente com o conhecimento (em sua condição de registro e de demanda de organização) aqui e acolá reencontram, no entanto, a ideia de erudição, principalmente nos contextos discursivos em que o termo “humanismo” é evocado, seja em sua expressão filosófica, seja em sua condição disciplinar (desdobramento e ramificação de saberes discursivos, como Filologia, História e Retórica).

Não obstante a essa dificuldade de compreender a noção em suas variações modernas, é conhecida a existência de indivíduos que, principalmente devido a uma dada inclinação pessoal, dedicam-se ao estudo profundo de um determinado campo do saber, e, em paralelo, adquirem um conhecimento em outros saberes, principalmente em matérias ditas de cunho humanista, isto é, em disciplinas relativas às chamadas Humanidades.

No plano crítico, o desenvolvimento da noção da erudição, por sua vez, orienta-se tradicionalmente para uma abordagem formal da linguagem (o domínio das línguas propriamente ditas, como o latim, o grego, o alemão, o francês, o russo, e das diferentes linguagens, artística, científica, religiosa, por exemplo) que estabeleceu uma noção de “alta cultura” para a demarcação de certos níveis de conhecimento. Trata-se, em grande medida, da recuperação das artes liberais do *trivium* (gramática, lógica e retórica), como centralidades disciplinares fundacionais do *ethos* do bibliotecário. Dito de outra maneira, de antemão a questão responde pela própria formação da ideia do bibliotecário no contexto de uma fundamentação tecida na e para a linguagem em sua condição ampla, de fundo filosófico e histórico.

Eis, pois, uma ancoragem de fundação da própria Biblioteconomia, ou seja, à luz da noção de erudição é constituído um discurso de identidade primária do bibliotecário (longe de discussões críticas, distante de uma visão da linguagem como opressora e-ou libertadora), enraizada em artefatos linguísticos. Ao contrário, essa imagem demarca o desenvolvimento de uma condição individualista da formação do sujeito erudito, como em um mito do polímata desdobrado do Renascimento. (BURKE, 2002, 2003). Na definição do bibliotecário Gabriel Peignot (1802), a *polymathie* respondia por uma vasta erudição, a saber, o conhecimento aprofundado de um grande número de coisas, ou, dito de outro modo, o *polymethe* era um homem que conhecia muitas e diferentes coisas.

Diante dessas questões, voltando-se para o campo de atuação biblioteconômica contemporânea, dentro de um quadro epistemológico-histórico que recontextualiza passado e presente, o estudo buscou reconhecer as visões de bibliotecários atuantes na Cidade do Rio de Janeiro sobre o conceito histórico de erudição e sobre sua potencial atualização, ou seja, sua vivência no transcurso hodierno. O seguinte problema de pesquisa norteou essa procura: como se constitui atualmente o discurso sobre a erudição e formação de eruditos na Biblioteconomia? Para a resolução do problema o objetivo geral visou discutir o olhar contemporâneo de bibliotecários sobre a erudição, como um conceito e como uma formação.

A proposta metodológica inicial era realizar uma abordagem qualitativa, sob a via de entrevistas abertas, com foco em um grupo de bibliotecários atuantes no contexto do Rio de Janeiro, cidade que recebeu o único curso de formação biblioteconômica reconhecido na historiografia brasileira como “humanista”, guardando inicialmente as características de uma “formação erudita”. A proposta da entrevista, interessada em

reconhecer o ponto de vista intersubjetivo da população pesquisada sobre a noção de erudição no campo, se manteve ao longo da etapa de identificação de sujeitos da pesquisa. Porém, no ato de coleta de dados uma série de imprevistos com o grupo abordado se deu. Foi possível o levantamento de registros para a construção do corpus com 6 (seis) sujeitos, sendo que apenas um atendeu ao agendamento na data e local estipulados. Os demais, por razões pessoais, acabaram por solicitar o envio das questões pelo correio eletrônico. Isso nos levou à alteração do instrumento de coleta para o modelo questionário, fruto da adaptação do roteiro inicial de entrevista. O percurso detalhado da travessia metodológica é aprofundado abaixo no desenvolvimento da descrição do estudo.

2 SOB A SOMBRA DISCURSIVA DA RETÓRICA: A CONSTRUÇÃO RENASCENTISTA DA NOÇÃO DE ERUDIÇÃO NA MODERNIDADE

“La Renaissance découvre l’antiquité. Époque de l’érudition : reproduction, traduction, commentaire des ouvrages.” (OTLET, 1934, p. 364)

A caracterização de um dado sujeito como erudito é historicamente reconhecida a partir das raízes do início do Renascimento, quando se “deu um espaço considerável à erudição” (BRIZAY, 2015, p.9). Ali registrou-se no discurso histórico a presença de notáveis humanistas que se dedicavam a estudar a fundo diversos saberes, momento de retomada objetiva da Retórica como disciplina teórica e aplicada. Como exemplo, são reconhecidos ali nomes como Pic de Mirandole, Jules Cesar Scaliger, Cosimo Bartoli, entre tantos outros.

Como nos lembra Ortega y Gasset (2006) em sua apresentação de um *ethos* biblioteconômico inicial, no Renascimento a figura pública do bibliotecário, por conta do crescente papel do livro na sociedade, estava fundada nessa noção de erudição. Essa figura, pois, envolve a primeira “imagem”, o delineamento do profissional como um polímata.

Em Otlet (1934) a erudição surge a partir de alguns elementos estruturais, a saber, a) o contato com a literatura dita clássica e a capacidade de, como leitor, reter na memória seus conhecimentos, b) a capacidade de reconhecer as passagens do pensamento e saber compara-los, envolvendo a história da literatura e das línguas, dos povos antigos e seus produtos culturais, da arqueologia, da numismática, da cronologia, da geografia, da parte

histórica de todas as disciplinas, c) o saber propriamente dito do universo dos livros. Otlet (1934) propõe-se, de maneira sintética, reproduzir o “desenvolvimento da erudição” a partir da Grécia Clássica, passando pelo Império Romano, Idade Média e Renascimento, chegando ao século XIX, demonstrando em seu percurso nomes, obras e motivos que correlacionam os elementos acima indicados em diferentes épocas.

Na apresentação do trabalho *Quevedo y La erudición de su tiempo*, López-Poza descreve os elementos renascentistas, presentes no tempo do escritor espanhol Francisco de Quevedo (1580-1645), que representavam tal eticidade erudita. Aqui a erudição “[...] se adquiria nos espaços da corte, monastérios ou eclesiásticos, em escolas humanistas e, com certeza, na Universidade. Se precisava conhecer bem o latim para aceder a ela [...]” (LÓPEZ-POZA, 2013, p. 12).

[...] El estilo erudito que debía conseguir se sustentaba en la paciente adquisicion de *loci comunes* y en la posesión asimilada de los resortes de la lengua latina. Para asegurar el conocimiento de ambas cosas, los jóvenes realizaban prácticas abundantes en las clases de Gramática, Humanidades y Retórica, com la ejecución de breves ejercicios de oratoria en diversos géneros [...] (LÓPEZ-POZA, 1999, p.172).

Desdobra-se daqui uma definição clássica de erudição que repercute o olhar histórico que manifesta a formação do conceito a partir de Gracián (apud LÓPEZ-POZA, 1999, p. 171-172):

Consiste en una universal noticia de dichos y de hechos, para ilustrar com ellos la matéria de que se discurre, la doctrina que se declara. Tiene la memoria una como despensa, llena de este erudito pasto, para sustentar el ánimo, y de que enriquecer e fecundar los convites que suele hacer a los entendimientos. Es um magacén, rebutido, um vestuario curioso, um guarda joyas de la sabiduría. Sin la erudición no tienen gusto ni sustancia los discursos, ni las conversaciones, ni los libros. Com ella ilustra y adorna el varónsabio lo que enseña, porque sirve así para el gusto como para el provecho [...] pero no ha de ser uniforme, ni homogénea, ni toda sacra, ni toda profana, ya la antigua, ya la moderna, una vez um dicho, otra um hecho de la historia, de la poesia, que la hermosa variedad es punto de providencia. Especialmente se ha de atender a la ocasión y sus circunstancias, de la matéria, del lugar, de los oyentes, que la mayor prenda del que habla o escribe, del orador o historiador, es decir conceso.

O autor nos descreve ainda as fontes da erudição, em sua obra *Agudeza y arte de ingenio*, publicada em 1648:

- 1) La História, asi sagrada, como humana;
- 2) las sentencias y dichos de sábios, sacados de La Filosofía moral y de lá poesía;
- 3) apotegmas, agudezas, chistes, donosidades;
- 4) dichos heroicos de príncipes, capitanes, insignes varones;
- 5) emblemas, jeroglíficos, apólogos y empresas (a las que llama ‘pedrería preciosa al oro del fino discurrir’);
- 6) símiles, alegorías, parábolas;
- 7) adagios y refranes;
- 8) paradojas, problemas, enigmas, cuentos. (GRÁCIAN apud LÓPEZ-POZA, 1999, p. 174).

Eis a marca da Retórica como fundamento de tal *ethos* da erudição, onde se assentaria a formação do pensamento biblioteconômico muito antes da própria questão da formação acadêmica, profissional, curricular, do mesmo profissional, iniciada no século XIX. Tal vinculação da noção à linguagem pode ser reconhecida, por exemplo, em Peignot (1802, p. 39), a apresentar Conrad Badius, impressor e homem de letras, a quem se poderia considerar um homem erudito em razão do mesmo possuir “une parfaiteconnaissancedes langues”.

Em *Erudition et Culture Savante*, a repercussão desses elementos que fundamentam a noção de erudição pode ser reconhecida igualmente como

[...] a mestria de um saber que concede um profundo e vasto conhecimento nos domínios da filologia e da história. É um saber completo fundado sobre o estudo de fontes históricas, de documentos e textos, e concerne a um pequeno número de especialistas que fazem parte, do século XVI ao XVIII, da República das Letras [...] (BRIZAY, 2015, p. 7)

A mesma obra fornece a extensa definição de erudição advinda do filósofo Denis Diderot, apresentada como verbete na Enciclopédia:

Esta palavra, que vem do latim *erudire, enseigner*, significa própria e literalmente, *saber, conhecimento*; mas nós a temos mais particularmente aplicada ao gênero de saber que consiste no conhecimento dos fatos, e que é fruto de uma grande leitura. Foi reservado o nome de *ciência* para os conhecimentos que tem necessidade mais imediata de raciocínio e reflexão, tais como a Física, Matemática, etc., e aquele das belas-letas para produções agradáveis do espírito, nas quais a imaginação tem uma maior participação, tais quais a Eloquência, a Poesia, etc. A *erudição*, considerada em relação ao estado presente das artes, contém três ramos principais, o conhecimento de História, o das Línguas, e o dos Livros.

O conhecimento dos livros supõe, pelo menos até certo ponto, o do conteúdo que eles tratam, e dos autores; mas ele consiste principalmente no conhecimento do julgamento que os cientistas tinham destas obras, da espécie de utilidade que podemos tirar de sua leitura, das anedotas que dizem respeito aos autores e aos livros, das diferentes edições e das escolhas que eles fizeram entre eles.” (DIDEROT, 1951 apud BRIZAY, 2015, p. 7)

Como pode ser visto na definição enciclopedista do século XVIII, em sua espécie de síntese dos potenciais trezentos anos de desenvolvimento da noção, o termo “erudição” chega a significar praticamente um espelhamento direto com o mundo dos livros: erudito é aquele que conhece os e vive na presença dos livros. A existência de filósofos bibliotecários e-ou bibliotecários-filósofos nesses séculos demonstra, pois, uma relação direta de construção do *ethos* bibliotecário atrelada à erudição em suas primeiras significações.

Em trabalho de Albuquerque Júnior, tem-se uma descrição feita pelo antropólogo Barry Malinowski sobre seu antecessor James George Frazer, que, tendo vivido entre o século XIX e a metade do século XX, correspondia ao conceito clássico renascentista de erudição:

[...] Seu saber era vasto e universal, aliava conhecimentos de física, biologia, história, folclore; escreveu ensaios e poesias. Lia Homero em grego, Ovídio e Virgílio em latim e a Bíblia em Aramaico. [...] (MALINOWSKI apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 44)

Albuquerque Júnior expressa, ainda, a completude da ideia do sujeito dito erudito:

O erudito se caracterizava por possuir um saber vasto e transitava por diferentes áreas do conhecimento; ele não era um especialista, tinha o olhar direcionado mais para a extensão do que para a profundidade do conhecimento que procurava. Sua relação com o saber, com os livros, com os documentos, com a biblioteca era de amador, de amante. Não vê sua atividade como uma profissão, pois, na verdade, os eruditos quase sempre se dedicavam às belas letras ou às humanidades por prazer ou em busca de status, já que, comumente, tinham outra profissão que garantia o sustento. Na maioria dos casos, a formação do erudito era autodidata, não possuía uma formação especializada e, quando a possuía, costumava ser em área distinta daquela em que produzia grande parte do trabalho com as letras. Seu trabalho com a escritura não era visto como separado da vida privada ou íntima [...] O erudito costumava ter, em casa, a sua própria biblioteca, lugar de trabalho, o seu lugar de receber e conviver com outras personalidades do mundo da cultura. Sua vida era escrever e, em grande medida, escrever sobre o que vivia. Experiências íntimas e

interesses privados se misturavam com sua atividade pública de escritor, poeta, historiador, etc. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 55)

Além do conhecimento de Letras, História e Línguas, verificou-se que o conhecimento filosófico também era recorrente quando abordamos uma noção de erudição em seu sentido histórico, a partir do alvorecer da Modernidade, como se vê em Leibniz e Bacon. O conceito de erudito assemelha-se, pois, ao de polímata, abordado por Burke (2003; 2011), que também se refere a um indivíduo com conhecimento de diversas ciências diferentes. Como exemplo de um polímata, pode-se citar o jesuíta alemão Athanasius Kircher, que escreveu sobre assuntos variados como China, Egito, matemática, música, entre outros; Leonardo da Vinci é outro célebre polímata. Segundo Burke (2011, p.4) “a idéia do polímata surgiu como uma resposta à especialização crescente [...]. Tanto o surgimento quanto o declínio do polímata ocorreram no mesmo século, o XVII.”

Um exemplo (dentre tantos) de “aplicação” da noção no território brasileiro se encontra em Otto Maria Carpeaux, que exerceu a profissão de bibliotecário. Além da capacidade de ler em diversas línguas europeias, seus textos transmitem a impressão de que não havia sequer uma vírgula escrita em toda a literatura da Europa Ocidental que não fosse de seu conhecimento. Também é notório seu conhecimento filosófico e histórico e, antes de adquirir o conhecimento de Letras, Carpeaux estudou toda a Matemática, Física e Química, conforme visto em Senna (1996). Eis o modelo da ideia de erudição renascentista como um conhecimento amplo e profundo, que não aparentava ter limite (VANNUCCHI, 1990).

Em síntese, considerando-se as fontes consultadas para a reflexão, a ideia de erudição está ligada a uma universalidade de conhecimentos e, principalmente, ao domínio de disciplinas humanistas, ou seja, das Humanidades, como História, Letras, Artes, Línguas (Filologia) e Filosofia. Por sua vez, no plano crítico, ou seja, na avaliação dos problemas relativos à sociedade e às culturas não privilegiadas por essas evidências hegemônicas, percebe-se uma ausência no desenvolvimento da noção a partir do Renascimento.

Este ideal de se dedicar a estudar diversas áreas do conhecimento humano entrou em colapso devido a fatores como a criação da prensa tipográfica e a especialização das disciplinas. Seu declínio iniciou-se ainda no século XV, como vemos em Burke (2002), pois pouco tempo depois do surgimento da prensa tipográfica, o número de obras produzidas cresceu drasticamente, tornando-se um estorvo para aqueles indivíduos desejosos de ler

tudo que fosse produzido. Ele também nos diz que, “em 1550 já começaram a surgir reclamações de que tantos livros haviam sido impressos que ninguém tinha tempo nem sequer de ler os títulos, muito menos de descobrir os conteúdos.” (BURKE, 2003, p.1).

Este problema também é abordado no processo de formação do *ethos* do bibliotecário, em Ortega y Gasset (2005) e em Blair (2008, p. 74), que relata o que pensava um intelectual da própria época: “Gabriel Naudé resume assim lucidamente as novas condições da erudição no fim da Renascença: doravante, não se pode mais pretender dominar sozinho a massa acumulada e sempre crescente dos textos e dos saberes [...]”.

Esta dificuldade tornou-se maior no século XIX, com a especialização das disciplinas, sendo “humanamente impossível” que um indivíduo lesse todo o material científico produzido. Segundo Brizay (2015, p. 7-8),

Torna-se doravante impossível dominar tantos conhecimentos quanto na época de Pic de la Mirandole, de Jules César Scaliger (1484-1558) e de seu filho Joseph-Juste Scaliger (1540-1609), do pastor Samuel Bochart (1599-1667), do jesuíta Athanasius Kircher, de Nicolas-Claude Fabri de Pereisc ou de Louis Moreri, para citar algumas figuras marcantes da erudição na época moderna.

Em Burke (2003) vê-se, pois, que o aparecimento de palavras como “especialistas” e “profissionais”, no século XIX, acusam o crescimento da divisão do trabalho intelectual. O fato também se percebe na mudança do curso universitário básico europeu, que até 1800 era constituído das sete artes liberais e que, a partir de então, começou a se especializar em disciplinas e seus departamentos.

Para Albuquerque Júnior (2005), nesta nova sociedade formada no pós-guerra, não caberia mais alguém com os conhecimentos comumente possuídos pelos eruditos. Com o surgimento da sociedade urbano-industrial, o conhecimento técnico e a ciência aplicada passam a ter mais valor que o “conhecimento humanista”. No entanto, como vimos com o próprio Carpeaux, o conceito de erudito continuou a aplicar-se a determinados indivíduos, práticas, instituições e ressoou nas diferentes formações iniciais em Biblioteconomia, como o caso francês, no século XVIII, e o caso brasileiro, no século XX.

3 DA ERUDIÇÃO À BIBLIOTECONOMIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

“A necessidade social do livro consiste nessa época [século XV] na necessidade de que haja livros, porque são poucos. A este tipo de necessidade corresponde a

figura daqueles geniais bibliotecários renascentistas, que são grandes caçadores de livros, astutos e tenazes.” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 20)

De acordo com Fonseca (2007), pode-se dividir a história do ensino profissional em Biblioteconomia no Brasil em três fases. Na primeira, de 1879 a 1929, liderada pela Biblioteca Nacional, a influência francesa predominou no ensino, com a fase seguinte sofrendo a inspiração americana e a terceira caracterizando-se pela uniformização dos cursos pelo currículo mínimo.

Em seu início, o Ensino de Biblioteconomia no Brasil esteve ligado justamente à ideia do bibliotecário erudito, guardião do conhecimento e conhecedor do universo dos livros. Nesta primeira fase “predominava o modelo humanista francês da *École de Chartes*, que a Biblioteca Nacional adotara durante três décadas.” (CASTRO, 2000). As disciplinas ofertadas no ano de 1931, neste curso, eram as seguintes: “Bibliografia; Paleografia e Diplomática; História da Literatura; Iconografia e Cartografia.” (CASTRO, 2000, p. 105).

Compreendemos a partir de Fonseca (2007) que “a adoção pela Biblioteconomia do modelo francês, justificava-se na medida em que a ciência, as artes, a cultura brasileira, neste período, era fortemente influenciadas por este país.” No entanto, a influência “norte-americana sobre a cultura brasileira grassou-se progressivamente, em todas as esferas da cultura, a partir do final dos anos vinte, ascendendo [...] sobre o ensino de Biblioteconomia.” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 17).

O segundo curso da área no país foi criado em São Paulo, patrocinado pelo então instituto Mackenzie, que havia trazido uma bibliotecária americana para preparar uma bibliotecária do instituto que iria fazer uma especialização nos Estados Unidos, como diz Mueller (1985, p. 3). Este segundo curso possuía forte apelo tecnicista, e a própria Biblioteca Nacional no ano de 1944 modificou seu currículo com o acréscimo de disciplinas técnicas.” (CASTRO, 2000, p. 3).

Como não está entre os objetivos do trabalho discutir especificamente o desenvolvimento da Biblioteconomia no país, nos ateremos apenas à primeira fase, na qual, para entrar no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, na Cidade do Rio de Janeiro, o candidato deveria possuir certos “conhecimentos humanistas”:

Em resumo, era condição, para ser bibliotecário, possuir cultura geral o que incluía, além de conhecimento da língua materna, demonstrado em prova escrita, saberes universais nos diversos campos, aliados aos domínios dos idiomas falados [...]. (CASTRO, 2000, p. 55)

Portanto, o candidato que desejasse tornar-se bibliotecário deveria “preencher a condição inicial de ter conhecimento amplo, humanístico, sobre o campo das Artes, Humanidades, Línguas e Ciências [...]” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 15).

Alguns autores defendem a necessidade de tais conhecimentos para a profissão. Pode-se observar isso em Martins (1996, p. 341-342):

O bibliotecário moderno deve ser um misto de técnico e intelectual. A sua preocupação principal não deve ser datilografar fichas perfeitas, segundo um código de catalogação, mas conhecer o conteúdo dos livros que possui, ser um guia intelectual do leitor. Muitos bibliotecários esquecem que a principal coisa, na biblioteca, para o leitor, é o livro e não a técnica que se empregou para catalogá-lo e classificá-lo. O bibliotecário moderno, repito, é um intelectual e um técnico [...] É por isso que julgo um erro colocar à frente das bibliotecas não só eruditos sem preparo técnico, mas também técnicos sem erudição.

Prado exprime um pensamento parecido, ele diz que a profissão de bibliotecário é uma das que

[...] mais exige cultura geral dos profissionais [...] Daí sugerir que fossem incluídos no currículo saberes como arte, ciências, literatura e línguas. Saberes que tinham a finalidade de capacitar o bibliotecário a dirigir, desenvolver e manter bibliotecas universitárias, nacionais e especializadas. (CASTRO, 2000, p. 202)

No âmbito biblioteconômico brasileiro, portanto, vê-se que além daqueles conhecimentos específicos, um bibliotecário, no contexto de formação do *ethos* para se aproximar do conceito dado de erudito, deveria possuir um saber profundo da história dos livros e das bibliotecas; o domínio de línguas estrangeiras, principalmente daquelas essenciais ao campo, como o francês (à época), além do latim e do grego; junto do conhecimento das ciências correlatas à Biblioteconomia. O percurso teórico, como relatado, nos levou à possibilidade de problematização na contemporaneidade destas condições históricas transpostas para o imaginário dos atuais bibliotecários.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O OLHAR SOBRE A ERUDIÇÃO NA ATUALIDADE

“L’érudition suppose en plus avoir lu les commentaires qu’on a fait des livres, avoir compare les diverses éditions, connaître le temps ou vivaient les auteurs, les sources ou ils ont puisé [...]” (OTLET, 1934, p. 107)

A pesquisa foi realizada segundo uma abordagem qualitativa, e o corpus foi constituído a partir do uso do questionário auto-administrado para a coleta de dados. A proposta inicial era realização de uma entrevista aberta, com foco na coleta de um universo intersubjetivo do imaginário sobre a erudição. No entanto, devido à dificuldade de agendamento no período selecionado e das diferentes formas de retorno dos pesquisados em potencial contatados, com diferentes imprevistos de retorno e de agendamento, as coletas precisaram ser realizadas de maneira distinta, alterando também o recurso de registro. O roteiro de entrevista foi convertido em questionário, sendo um aplicado de modo presencial, e os demais através do correio eletrônico.

Para a coleta de dados foram selecionados bibliotecários que já apresentassem características referentes ao conceito de erudição reconhecido no referencial teórico do estudo, como o conhecimento de diferentes áreas, citado por Albuquerque Junior (2005), preferencialmente em áreas chamadas “humanistas”, e conhecimento de diferentes idiomas, como visto em Diderot (apud BRIZAY, 2015). O critério de construção prévia dos perfis se baseou, no plano objetivo, na análise dos Currículos Lattes de docentes e de profissionais atuantes na Cidade do Rio de Janeiro (demarcação histórica referente à formação inicial da Biblioteca Nacional e demarcação geográfica dada por representar o território da presente pesquisa) e, no plano subjetivo, nas indicações de nomes através de docentes com experiência no campo biblioteconômico. No segundo caso, foram consultados docentes da formação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), curso resultante da primeira formação do país, reconhecidamente a formação de caráter erudito segundo o discurso histórico. Os profissionais selecionados concordaram em participar voluntariamente da pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a apresentação dos dados, os respondentes foram desidentificados, adotando-se a sequência das coletas de cada um por ordem consecutiva. Desse modo, a sigla R1 designa o primeiro; R2, o segundo; R3, o terceiro; R4, o quarto; R5, o quinto e R6 o sexto sujeito pesquisado. Para a filtragem da população investigada, teve prioridade o seguinte critério: os potenciais respondentes que tivessem mais de uma formação em curso superior e/ou domínio de outra língua além do português.

O perfil da população da pesquisa ficou assim delineado: R1 possui graduação em Biblioteconomia e História, pós-graduação em Geração de bases de dados nacionais e internacionais e em Gestão do Conhecimento. É mestre em Educação, Arte e História da

Cultura e doutoranda em História das Ciências. Consegue se comunicar razoavelmente em Inglês e espanhol, e fala um pouco de francês. R2 é formado em Biblioteconomia e em Educação Artística, com habilitação em Música. Possui também curso técnico de Música e de Música Sacra. Não se comunica em língua estrangeira. R3 é formado em Biblioteconomia e Comunicação Social, e possui mestrado em Biblioteconomia. Consegue usar o espanhol, o francês e o inglês para se comunicar. R4 é formada em Biblioteconomia, possui mestrado em Ciência da Informação e doutorado em Ciências da Comunicação. Comunica-se em inglês e francês, e consegue compreender o espanhol e italiano falados. R5 é graduado em Biblioteconomia, tendo especialização em documentação científica e em Formação de Docentes de nível superior, e um mestrado em Ciência da Informação. R6 possui graduação em Biblioteconomia. Tem fluência na língua inglesa, e consegue se comunicar em francês, espanhol e italiano. No plano da questão de gênero, cinco sujeitos da pesquisa são do sexo feminino, e um do sexo masculino.

A pesquisa estabeleceu, a partir do Referencial Teórico, as seguintes variáveis para observar a construção da experiência erudita na Biblioteconomia contemporânea segundo o olhar dos respondentes: “formação multidisciplinar”; “formação filosófica”; “formação em línguas”; “formação biblioteconômica”; “interesse pela Biblioteconomia”; “relação disciplinar com a Biblioteconomia”. A partir destas características, buscou-se perceber se existia uma transformação no modo de reconhecimento histórico da noção de erudição e-ou de sua mutação, a partir de perspectivas críticas no plano social, para além do enfoque humanista.

Dadas as variáveis, apresentamos a descrição dos elementos centrais de cada uma. Com a primeira, “formação multidisciplinar”, tem-se como foco a própria formação múltipla oferecida pelos diferentes cursos de graduação e pós-graduação feitos pelo pesquisado, visto que as noções de erudição se confundem com um certo “saber total” (várias disciplinas científicas).

Sobre a segunda variável, “formação filosófica”, o foco esteve em identificar quaisquer cursos de filosofia realizados pelo pesquisado, seja de graduação, mestrado ou doutorado. Sobre a terceira, “formação em línguas”, o foco se orientou para cursos de idiomas que o respondente tenha feito e concluído, em qualquer nível, incluindo cursos livres, desde que o sujeito se coloque como fluente em uma ou mais línguas além da língua portuguesa.

Sobre a quarta variável, “formação biblioteconômica”, o foco esteve no quadro de disciplinas relativo ao ano em que o pesquisado se formou, ou seja, na capacidade filosófico-linguística-multidisciplinar da matriz curricular. A quinta e sexta variáveis foram, respectivamente, “interesse pela Biblioteconomia” e “relação disciplinar com a Biblioteconomia”, ou seja, representaram a base para as questões orientadas para a dinâmica subjetiva do olhar do sujeito da pesquisa com o campo e sua visão sobre as relações fronteiriças deste com outros saberes.

A partir desse entendimento de cada categoria nocional que orientou a construção do instrumento de coleta de dados, construímos uma questão para cada um, formando assim o instrumento de coleta de dados. Para a primeira variável, “formação multidisciplinar”, a pergunta elaborada foi: “De que modo se constituiu a sua formação profissional?” A partir da definição de erudição que temos em Diderot e das explicações sobre como eram constituídos os conhecimentos eruditos segundo López-Poza, nosso objetivo era saber de que modo a formação do pesquisado correspondia àquelas citações, principalmente com relação à variedade de disciplinas estudadas. Com esta pergunta também objetivamos saber não só os tipos de conhecimentos adquiridos pelo respondente, mas também a ordem em que foi estudada cada disciplina, e se essa formação se deu de forma autodidata, em cursos livres etc.

Para a segunda variável, “formação filosófica”, a pergunta elaborada foi: “Possui formação filosófica universitária?” Essa questão complementa a primeira, com a diferença de que desejávamos saber, especificamente, se o pesquisado possuía alguma formação em filosofia. Para a terceira variável, “formação em línguas”, a pergunta elaborada foi: “Em quantos idiomas você se comunica?” Sendo o conhecimento das línguas parte do conhecimento erudito segundo a definição de erudição da Enciclopédia de Diderot (apud BRIZAY, 2015, p. 7), seria aqui relevante saber em quantos e em quais idiomas o respondente conseguia se comunicar.

Para a quarta variável, “formação biblioteconômica”, foi elaborada a seguinte pergunta: “Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?” Como vimos, no início do Ensino de Biblioteconomia no Brasil, especificamente na Cidade do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional tinha como influência o modelo da *École de Chartes*, com um currículo dito mais humanista. Ao saber em que faculdade e em qual ano o respondente se formou, objetivamos saber se sua formação acadêmica, pelo menos em relação à Biblioteconomia, foi “mais humanista” ou “tecnicista”. Para a quinta variável, “interesse pela

Biblioteconomia”, a pergunta elaborada foi: “Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?”. Procurávamos aqui conhecer o foco da escolha pela Biblioteconomia na sua possível relação com os saberes ditos eruditos. Por exemplo, se surgiu como resultado do enorme contato com livros e autores diversos proporcionados pelo trabalho em bibliotecas etc.

Para a sexta variável, “relação disciplinar com a Biblioteconomia”, a pergunta elaborada foi: “De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?” Partimos aqui de Moraes, Prado, e Ortega y Gasset, fontes que identificam os conhecimentos eruditos como necessários para prática da profissão.

5 APRECIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: A ERUDIÇÃO NO OLHAR CONTEMPORÂNEO DE BIBLIOTECÁRIOS ATUANTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

“A côté ou au-dessous des travaux d’érudition, il faut à toute science des exposés synthétiques, oraux ou écrits.” (OTLET, 1934, 131)

Os resultados, através da análise e discussão das respostas obtidas pela aplicação do instrumento de pesquisa buscaram resolver a questão do conceito de erudição na formação e atuação do bibliotecário contemporâneo na Cidade do Rio de Janeiro segundo seus distintos olhares. Pela via dos intersujeitos que representam conjunto de atores sociais que vivenciam o campo, como bibliotecários, docentes e pesquisadores do domínio biblioteconômico-informacional, ou seja, a partir de tais sujeitos sociais, com foco, neste estudo, para os bibliotecários, percorremos sua linguagem para compreender suas impressões sobre a erudição no campo atualmente. Seguimos, neste de sentido, a apresentação dos resultados a partir das questões tecidas na relação entre o referencial teórico e o objeto de estudo.

Questão 1 - De que modo se constituiu a sua formação profissional?

Podemos analisar as respostas da primeira questão a partir de dois ângulos. Primeiro, observando a vida acadêmica do respondente e, depois, sua formação intelectual fora da academia, quando esta foi citada em sua resposta. Do ponto de vista da vida acadêmica, temos que “R1”, “R2” e “R3” possuem uma outra graduação, além da

Biblioteconomia. “R1” possui uma graduação em História; R2 possui graduação em Educação Artística, com habilitação em Música; R3 é graduado em Comunicação Social; “R4” e “R2” possuem graduações incompletas em Letras e Música, respectivamente.

Com exceção de R2, todos possuem algum tipo de pós-graduação *stricto sensu*. Quatro possuem mestrado: R1, R3, R4 e R5. R1 possui o único mestrado fora da área de Biblioteconomia, em “Educação, Arte e História da Cultura”. R3 é mestre em Biblioteconomia, R4 e R5 possuem mestrado em Ciência da Informação. Embora R2 não possua cursos de pós-graduação na área, tem uma longa formação artística iniciada na Escola de Música da UFRJ. Além da graduação em Educação Artística, possui bacharelado em Música Sacra e curso técnico em piano, tendo capacidade de tocar flautas de todos os tamanhos, cravo, órgão e violoncelo. Quanto à formação em doutoramento, R4 possui em Ciências da Comunicação, e R1 era doutorando (no contexto desta pesquisa) em “História das Ciências” pela Universidade de Coimbra.

Analisadas as trajetórias acadêmicas formais, agora o foco recairá sobre suas formações profissionais independentes do meio universitário. Os respondentes que mencionaram de forma mais evidente essa formação foram R3, R4, R5 e R6. É possível ver que todos têm em comum, nesse aspecto, o interesse pela leitura despertado desde a infância. Pode-se juntar ao interesse pela leitura a visita constante a museus e outros equipamentos culturais, citados mais especificamente por R3, R4 e R6. Por exemplo, R3 disse que seu ambiente familiar era rico em livros e outras fontes de informação, tendo incentivo dos pais na visita de equipamentos culturais diversos, ocorrendo o mesmo com R6; R4 relata que era comum visitar cinemas e ambientes de cineclubismo na Cidade do Rio de Janeiro, como a cinemateca do Museu de Arte Moderna.

O relato de R4 possui também muitos aspectos relativos à uma formação aberta no plano cultural. O respondente afirma que sua formação intelectual começou com seu pai contando histórias na hora de dormir. Ainda diz que “era um homem muito culto, médico pediatra, que falava e lia cinco idiomas (português, francês, inglês, alemão e italiano.)”. R4 nos conta que em sua casa todos liam, e relata que, quando uma amiga visitava sua irmã, o encontro se dava com “cada uma sentada numa poltrona, cada uma com um romance.” Fez o segundo grau no Colégio Santa Úrsula, onde o ensino incluía: “Filosofia, Psicologia, História da Arte, Ciência Política, Latim, Inglês, Francês, além de Português, Geografia e História”, fato este, de ordem formal no plano educacional, que contribuiu, por sua vez,

com a vivência cultural posterior independente da sala de aula em outros contextos de sua vida.

Esta questão, ao tratar da formação profissional, tem seu foco, naturalmente, sobre as disciplinas estudadas ao longo desta formação. Logo, cabe aqui retomar a definição de Diderot, presente em Brizay (2015), segundo a qual a erudição abrange os conhecimentos de História, de Línguas e de Livros. Tendo como base essa citação, é possível perceber que R1 é aquele que mais se aproximou do olhar sobre tais constantes da noção de erudição, tendo graduação em História, com mestrado em “Educação, Arte e História da Cultura”, além de cursar, no espaço-tempo desta pesquisa, o doutorado em “História das Ciências.”

Com relação às Artes, o respondente que mais se destaca é R2, com sua longa formação musical. Os pesquisados R3 e R4 também relataram ter o hábito de ir aos ambientes culturais, embora não possuam formação alguma nessa área. Ao se fazer uma avaliação total dos respondentes, chegou-se à conclusão que R4 é o que mais se aproxima das visões clássicas da erudição no *ethos* biblioteconômico, reconhecida a grande quantidade de disciplinas estudadas desde à formação no ensino fundamental, aliadas à vivência cultural descrita pelo respondente e aos estudos feitos por conta própria, o que o faz se aproximar da definição de Vanucci, que trata erudição como um conhecimento largo e profundo.

Questão 2 –Você possui formação filosófica universitária?

Esta questão apresentou dois padrões de resposta, um no qual os respondentes mostraram um interesse pessoal na procura pela formação filosófica, e outro no qual apresentaram indicações da relevância das disciplinas chamadas filosóficas cursadas ao longo da vida acadêmica (incluindo a própria graduação em Biblioteconomia). Dois respondentes – R1 e R4 – demonstraram um interesse maior pela Filosofia, tendo R1 estudado a disciplina enquanto cursava suas graduações, mas atentou que sempre leu muito sobre a disciplina por interesse próprio. R4 teve contato com a disciplina durante o Curso de Biblioteconomia e durante o Doutorado, e, após a aposentadoria, voltou a estudar Filosofia em um curso da PUC-RJ, o que também demonstra um interesse pessoal pelo campo. Os outros pesquisados –R2, R3, R5 e R6 – relataram ter estudado a disciplina apenas nos cursos frequentados em suas respectivas formações.

Como visto com Burke (2003) e no discurso histórico da Biblioteconomia, era recorrente o conhecimento filosófico entre os eruditos no início da Modernidade, bem como a atuação de filósofos nos espaços biblioteconômicos. Logo, buscou-se aqui reconhecer se os pesquisados possuíam algum curso universitário na disciplina. Nenhum dos respondentes possui formação filosófica universitária formal concluída. Entretanto, todos demonstraram aptidão e interesse direto para a Filosofia. Pode-se, no entanto, segundo os dados do corpus, afirmar que apenas dois respondentes manifestaram a aproximação objetivada demarcação de elo entre erudição e filosofia no plano biblioteconômico.

Questão 3 - Em quantos e quais idiomas você se comunica?

Na análise da terceira questão nos atentamos às línguas enquanto entidades subjetivas manifestadas pelos respondentes, sem nos preocupar tanto em como foram aprendidas ou como são apropriadas hoje. R1 se comunica razoavelmente bem em inglês e de forma satisfatória em espanhol, tendo feito cursos nessas duas línguas. Também fala um pouco de francês, mas por estudo próprio. R2 se comunica apenas em português - já fez curso de inglês por três anos, porém, só compreende a escrita. R3 utiliza razoavelmente bem o espanhol, o inglês e o francês. Possui algum estudo formal em francês, e menos de inglês e espanhol, que estudou de modo autodidata. R4 consegue se comunicar em inglês e francês, além de compreender espanhol e italiano falado. R5 se comunica em inglês e espanhol. R6 é fluente em inglês, e também consegue se comunicar em espanhol, francês e italiano. Como pode ser visto, as línguas mais comuns no contexto do corpus são o inglês e o espanhol.

Conforme debatido, o conhecimento de outras línguas nas definições que demarcam a construção do discurso sobre a noção de erudição se manifesta de modo corriqueiro em sua construção e em sua aplicação ao perfil de diferentes sujeitos. No âmbito do corpus da pesquisa, com exceção de R2, todos os respondentes dominam ao menos dois idiomas além do português, logo, todos se assemelham às definições. Dito isto, percebe-se R4 e R6 são os perfis que mais se aproximam das relações entre língua e erudição, pois falam francês e inglês, além de compreender espanhol e italiano falados, totalizando quatro idiomas conhecidos. A análise, faz-se necessário considerar, se limita a uma visão “contemporânea” da relação com outros idiomas (o que é indicado pela

presença frequente da língua inglesa e da língua espanhola no corpus). Quando colocada em questão a noção ampla de domínio de línguas na erudição em seu contexto renascentista, partindo-se do grego e do latim, essa relação é reduzida do ponto de vista crítico, ou seja, reconhece-se uma diferença sensível entre tais aproximações sob a noção de “domínio de idiomas”.

Questão 4 - Quando e onde fez o Curso de Biblioteconomia?

Com exceção de R1, que se formou pela Santa Úrsula, todos os outros frequentaram o curso em universidades públicas federais. Percebe-se também que os anos em que se deram a formação abrangem, principalmente, as décadas de 1970 e 1980. R1, conforme indicado, fez o Curso na Santa Úrsula, de 1987 a 1989; R2 cursou na UNIRIO, de 2011 a 2014; R3 também cursou na UNIRIO, entre 1987 e 1991; R4 começou o curso em 1968, na Biblioteca Nacional, mas, por motivos pessoais, só retornou em 1974, já na FEFIEG, e, após mudar-se para Brasília, concluiu o curso pela UnB em 1977; R5 fez o curso na UFF, de 1984 a 1988; R6 cursou pela UFF, de 1973 a 1976.

Como visto em Mueller (1985) e Castro (2000), em seu início o Ensino de Biblioteconomia no Brasil teve forte influência humanista, e a partir dos anos 1940 a influência norte-americana, de cunho tecnicista, começou a se fazer presente, conforme Mueller (1985) e (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009)

A questão do instrumento de levantamento de dados trata apenas da formação em Biblioteconomia, e revela que todos fizeram o curso em universidades presentes no Rio de Janeiro. Os períodos de formação vão desde a década de 1960 até o ano de 2014, indicando uma formação com maior apelo tecnicista.

R4 possui a formação mais antiga, iniciada em 1964 nos Cursos da Biblioteca Nacional. Porém, como visto, nesta época a Biblioteca Nacional já havia incluído matérias ditas “tecnicistas” no seu currículo, embora tenha mantido disciplinas humanistas. Assim, vê-se que nenhum dos respondentes teve uma formação de cunho eminentemente “humanista”, segundo a tradição historiográfica brasileira do campo biblioteconômico, como aquela existente na primeira fase de desenvolvimento do curso no país.

Questão 5 – Qual o seu interesse pela formação em Biblioteconomia.

Esta é uma questão com forte carga subjetiva, pois a resposta está diretamente ligada à experiência de vida de cada respondente. Pode-se inferir, pelas respostas, que todos os pesquisados escolheram o curso por uma inclinação pessoal para o universo dos livros, relatando o gosto pela leitura e a vivência em bibliotecas como fatores que influenciaram na decisão pela profissão. R1 conta que o interesse pela Biblioteconomia surgiu quando estava trabalhando na Biblioteca do Congresso Americano no Consulado do Rio de Janeiro, e teve a oportunidade de observar os bibliotecários trabalhando - segundo seu relato, “foi um interesse que surgiu a partir da prática”. R2 conta que sempre teve vivência em bibliotecas em razão de sua formação musical e, após formada em música, decidiu fazer uma outra faculdade por motivos profissionais. Pela sua vivência e conselho de uma amiga, decidiu procurar a Biblioteconomia.

R3 diz que seu interesse advém de sua formação pessoal, pois foi criada em um ambiente no qual a leitura e a discussão sobre livros sempre esteve presente. Ao longo de sua infância frequentava bastante a biblioteca pública de seu bairro, onde começou a se interessar pela dinâmica da profissão. Acabou experimentando o curso após conhecer uma bibliotecária por quem tinha admiração, e que lhe explicou sobre a profissão. R4 relata que escolheu o curso pela sugestão de uma amiga do marido, após ela ter abandonado o curso de Letras. Segundo R5, seu interesse foi natural, pois sempre gostou de ler e de organização.

Por fim, R6 considera que seu interesse surgiu durante o curso de graduação. Na época do vestibular pretendia prestá-lo para alguma faculdade de humanas, sendo que sua real vocação era para Belas Artes. No entanto, por conta da ausência de “mercado de trabalho” para o formado neste campo, optou pelo curso de Biblioteconomia, pois possuía um amigo que já o cursava, e as disciplinas o interessavam. Enquanto estava no curso descobriu que tinha vocação e prazer em exercer a profissão.

Questão 6 – Em sua visão, de que forma os conhecimentos chamados humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Segundo o ponto de vista de R1, “tem muito a ver com a prática bibliotecária. Se é que a gente entende ‘conhecimento humanista’ toda aquela parte que prepara o ser humano para interação com o outro.” Ainda segundo o respondente, “essa visão mais humanista leva a todos os aspectos mais democráticos de respeito ao saber do outro [...]”

de querer proporcionar ao outro saber e ser um facilitador.” R2, além de se referir a esse ponto, do bibliotecário trabalhar para o outro, também o relaciona a sua formação musical. O respondente diz que, por ter formação em Música, sabe de que maneira um pesquisador da área gostaria de encontrar determinada obra, o que facilita seu trabalho. Além disso, refere-se ao fato de que nos Estados Unidos é necessário ter alguma formação universitária prévia antes de cursar Biblioteconomia. Como diz, ele tem maior conhecimento das diferenças de estilos musicais, o que um bibliotecário que não é formado na área não possui.

R3 diz que “a prática da boa Biblioteconomia inexiste sem esses conhecimentos, pois são eles que proporcionam o vocabulário, a base cultural e o horizonte de visão que necessitamos, não importa para qual tipo de biblioteca ou usuário.” Ele também aponta para a importância de conhecer outros idiomas, pois “são pontes para entender outros pontos de vista e novas informações.” Com R4 temos a ideia de que esses conhecimentos são necessários para todas as profissões, até mesmo as de “exatas”. O respondente aponta ser importante “o conhecimento de História, de relações interpessoais, do significado das culturas, da compreensão do ambiente em que se trabalha.”

R5 fundamentou sua resposta no foco social, ou seja, na visão de que os bibliotecários trabalham para a sociedade. Segundo o mesmo, “localizar as informações necessárias a sobrevivência física, intelectual e emocional da humanidade é o cerne da profissão”, e completa dizendo que este tipo de conhecimento é importante para a adequada realização do trabalho do bibliotecário.

No plano geral da intersubjetividade das respostas, percebe-se o ponto de vista dos pesquisados convergem para um mesmo sentido, a saber, a relação entre os conhecimentos humanistas (ou uma visão geral sobre os diversos saberes) servem para facilitar a função que o bibliotecário tem para com a sociedade.

Nesta questão as respostas serão discutidas à luz da citação de Moraes, Ortega e Fonseca. Para Martins (1996), o *ethos* do bibliotecário deveria representar um misto de técnico e intelectual, destacando a importância de uma formação intelectual sólida para o profissional. Ortega y Gasset (2016) aborda o bibliotecário como um intermediador entre o usuário e o conhecimento produzido, colocando mais ênfase no papel que o profissional exerce do que em sua formação. E, segundo Fonseca (2007, p. 107), o bibliotecário ideal é formado pela conciliação entre estes conhecimentos humanistas e o saber técnico.

As respostas, em seu contexto geral, “encontram” uma unidade no ponto de inflexão dos fragmentos acima indicados sobre a noção de erudição, ou seja, abordam a importância que o estudo de disciplinas humanistas tem para o exercício desta função. No entanto, algumas frisam mais a formação ampla e continuada, enquanto que outras se preocupam mais com o papel perante a sociedade, ou seja, destacam, para além das visões estabelecidas de um dado modelo de cultura a partir de um olhar hegemônico da noção de erudição, o caráter eminentemente social da prática do bibliotecário.

Percebe-se, assim, no âmbito da questão, a preocupação para com o usuário, a consciência de que o serviço do bibliotecário tem um fim social, que o trabalho é feito para o outro. Algumas respostas fizeram uma referência explícita à necessidade do estudo de algumas disciplinas de cunho sociológico orientadas para esse enfoque. O primeiro respondente, por exemplo, diz que “essa visão mais humanista leva a todos os aspectos mais democráticos de respeito ao saber do outro, de querer saber cada vez mais, de querer proporcionar ao outro e ser um facilitador”, voltando-se mais para a função social da profissão, embora também aborde a questão das disciplinas, ao dizer que o estudo da Linguística, Psicologia e, principalmente, Filosofia, faz você olhar o mundo de outra maneira.

R2 também focou o aspecto social de tal *ethos*. Contudo, tratou da formação ao fazer a comparação com o modelo americano, no qual é necessário fazer uma graduação em alguma área para depois fazer uma pós-graduação em Biblioteconomia. Outro respondente que privilegia o papel social da profissão é R5, que logo no início de sua resposta afirma que “trabalhamos para a sociedade”. Logo, para R5 este conhecimento é fundamental para a realização das práticas biblioteconômicas.

Já os pesquisados R3 e R4 frisaram mais o estudo dos conhecimentos humanistas em suas respostas, todavia os considerando sob a perspectiva do trabalho feito para a sociedade. R3, por exemplo, diz que “a prática da boa Biblioteconomia inexistente sem esses conhecimentos, pois são eles que proporcionam o vocabulário, a base cultural e o horizonte de visão que necessitamos, não importa para qual tipo de bibliotecário ou usuário.” R4 afirma que “é importante o conhecimento de História, de relações interpessoais, do significado das culturas, da compreensão do ambiente em que se trabalha.” R6 também destaca a importância que os conhecimentos humanistas possuem para exercer a profissão com respeito aos cidadãos e aponta que todos os tipos de profissionais devem possuir tais conhecimentos.

De um lado, o percurso das falas demonstra uma relação objetiva com as marcas dos mitos de construção da práxis do bibliotecário a partir da noção de erudição, identificando alguns elementos, como a pluralidade de saberes, a formação continuada e a linguagem como centrais para a vivência atual da noção. Destaca-se, como exemplo, as diferentes experiências culturais que alguns respondentes tiveram na infância, antes mesmo de qualquer interesse pela profissão, como marcas do contato com a estrutura de uma formação dita humanista no campo. No entanto, por outro lado, percebe-se uma sobreposição e uma reinterpretação do ponto de vista sobre a erudição tecido entre os séculos XV e XVIII, por exemplo, e um olhar sobre os desdobramentos sociopolíticos que (re)contextualizam a formação e o *ethos* do bibliotecário a partir do século XIX.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ERUDIÇÃO ONTEM E HOJE NA BIBLIOTECONOMIA SOB O OLHAR DE BIBLIOTECÁRIOS ATUANTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

“A *erudição*, considerada em relação ao estado presente das artes, contém três ramos principais, o conhecimento de História, o das Línguas, e o dos Livros.”
(DIDEROT, 1751, apud BRIZAY, 2015, p. 7)

O panorama geral da pesquisa foi discutir a ideia de erudição (como conceito e como um processo, a formação de um coletivo de sujeitos) a partir do olhar de bibliotecários que possuísem características presentes no conceito histórico, e assim, problematizar a visão contemporânea de bibliotecários atuantes na Cidade do Rio de Janeiro sobre erudição. De fato, conseguimos reconhecer aspectos da formação e dos saberes possuídos por esses bibliotecários, correlacionando-se essas informações com o material teórico apresentado, que versava sobre a relação entre erudição e Biblioteconomia.

A seu modo, o tema é complexo e vasto, pois existem diferentes tipos de indivíduos com uma diversidade de formações intelectuais e interesses, decorrentes da história de vida e personalidade de cada um, juntando-se a isso o tamanho do presente estudo. Devido a tais fatores, não puderam ser trabalhadas algumas questões, como uma investigação direta sobre o quadro de disciplinas relativo ao ano de formação em Biblioteconomia de cada pesquisado; e uma investigação mais profunda sobre a formação intelectual dos respondentes em contextos espaço-temporais mais amplos; além disso, não foi possível a problematização crítica dos problemas sociais e políticos inerentes à

noção de erudição como marca de um *ethos* da formação do bibliotecário. Acredita-se ter sido lançada uma luz sobre a relação entre bibliotecários na atualidade e sobre a erudição no panorama histórico do pensamento biblioteconômico-informacional.

Constatou-se que os bibliotecários atuantes na Cidade do Rio de Janeiro que mais se aproximam das características referentes à erudição possuem os seguintes aspectos, a saber, formação acadêmica em duas ou mais áreas, domínio em mais de uma língua, consciência do cunho social da profissão, consciência da importância dos conhecimentos humanistas para a profissão. Nota-se que a formação acadêmica em duas ou mais áreas, ou, ao menos, o interesse por mais de uma área de estudo, representa, mesmo que minimamente, a vastidão de interesse dos eruditos clássicos.

A partir do trabalho aqui desenvolvido, as demandas de avaliação crítica desdobradas do estudo podem ser sintetizadas na crítica do espaço-tempo das construções do imaginário da formação do bibliotecário, ou seja, os aspectos que indicam indícios de erudição nos indivíduos de uma sociedade em uma determinada época são sempre passíveis de mudanças e reinterpretações.

Do ponto de inflexão da noção sob o olhar contemporâneo, nota-se uma co-constituição, por vezes a-crítica, no olhar dos respondentes, entre um discurso dito humanista, outro dito democrático-social, como noções necessariamente complementares. Essa posição, de todo modo, demonstra uma atualização clara na percepção dos respondentes, sobre a condição social como marca do saber-fazer do campo, para além do olhar plural das antigas abordagens culturalistas oriundas do “erudito” que compõe parte central do imaginário epistemológico-histórico de formação do *ethos* biblioteconômico.

Agradecimentos

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

In memoriam

À professora Mariza Russo, grande docente e perseverante personagem da luta pela Biblioteconomia brasileira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente Contemporâneo.

Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, 2005. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19984>> Acesso em: 20 maio 2017.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000.

BLAIR, Ann. Bibliotecas portáteis: as coletâneas de lugares-comuns na Renascença tardia. In:

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Cap. 4. P. 74-93.

BRIZAY, François. **Érudition et cultures savante: de l'Antiquité à l'époque moderne**.

Presses universitaires de Rennes, 2015. Disponível em: <http://www.pur-editions.fr/couvertures/1432198887_doc.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa Moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, Apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 27 ago. 2017.

BURKE, Peter. "O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual" In: **LTP**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 4-10, Jun. 2011. Disponível em:

<<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/51/50>>. Acessado em: 22 Maio 2017

BURKE, Peter. O paraíso perdido do conhecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de maio, 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1105200303.htm>>. Acesso em: 22 maio 2017.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, Peter. "O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual" In: **LTP**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 4-10, Jun. 2011. Disponível em:

<<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/51/50>>. Acessado em: 22 Maio 2017

BURKE, Peter. O paraíso perdido do conhecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de maio, 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1105200303.htm>>. Acesso em: 22 maio 2017.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

FOSTER, Edward M. **Aspectos do Romance**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 1998

LÓPEZ-POZA, Sagrário. La erudición como nodriza de la invención em Quevedo. **La Perinola**.

Revista de Investigación Quevediana, n. 3, 1999, pp. 171-194. Disponível em:

<<http://dadun.unav.edu/handle/10171/5502>>. Acesso em: 22 maio 2017.

LÓPEZ-POZA, Sagrário. Presentación: Quevedo y la erudición de su tiempo. **La Perinola. Revista de Investigación Quevediana**, n. 7, 2003, pp. 11-17. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/handle/10171/4495>>. Acesso em: 22 maio 2017.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2.ed. il., rev. e atual. São Paulo: Ática, 1996.

MUELLER, Suzane Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n.1, p. 3-15, 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>>. Acesso em: 22 maio 2017.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação e sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3754/3167>>. Acesso em: 24 maio 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**, tomo I. Paris: Chez Villier, 1802.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. (Biblioteconomia e gestão de unidades de informação. Série Didáticos, 1).

SENNA, Homero. A literatura brasileira vista por um europeu. In: **República das Letras: 20 entrevistas com escritores**. 3. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 301. Disponível em: <<http://curtadegustacao.blogspot.com.br/2014/03/entrevista-feita-por-homero-senna-com.html>>. Acesso em: 24 maio 2017.

Recebido em: 29 de janeiro de 2018 Aceito em: 02 de maio de 2018
